

6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, P. M. de. **Carta para Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo, 10 de nov. de 1977. 5 f. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa.

ANDRADE, C. D. de. **Antologia Poética**. 48ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Carlos e Mário**: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945 / organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

_____. **Prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

_____. **Uma pedra no meio do caminho**: Biografia de um poema. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

_____. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

ANDRADE, M. de. **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ANDRADE, R. M. F de. **Meu querido Carlos**. Rio de Janeiro, 05 de mar. de 1929. 4f. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa.

CANDIDO, Antonio. “Inquietudes na poesia de Drummond”. In: _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 93-122.

_____. “Poesia e ficção na autobiografia”. In: _____. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 61-83.

COCO, Pina e CARDOSO, Marília Rothier. (org.) **Perspectivas (auto)biográficas nos estudos de literatura**. *Revista Palavra*, Rio de Janeiro: PUC-RJ, v. 10, 2004.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CURY, M. Z. F. “Acervos: gênese de uma nova crítica”. In: MIRANDA, W. M. (org). **A trama do arquivo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995, p. 53-63.

DERRIDA, J. **O mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, M. “O que é um Autor?” In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-298. (Coleção: Ditos e Escritos III).

Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Inventário do Arquivo Carlos Drummond de Andrade. 2. ed. e aum. – Rio de Janeiro, 2002. (Série AMLB; 6),

GLEDSON, J. **Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUMBRECHT, H. U. “As consequências da Estética da Recepção: Um início postergado”; “O futuro dos Estudos de Literatura?” In: _____. **Corpo e Forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 23-46 e p. 153-175.

_____. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GUMBRECHT, Hans. Ulrich. “Produção de presença perpassada de ausência. Sobre música, libreto e encenação”. In: **Revista Palavra**, n.7, 2001, p. 10-19.

ISER, W. **O ato da leitura**, v.1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **O ato da leitura**, v.2. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. “Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica”. In: ROCHA, J. C. de C (Org.). **Teoria e ficção: Indagações à obra de Wolfgang Iser**. Editora UERJ. Rio de Janeiro, 1999. p. 19-33.

JAUSS, H. R. “A estética da recepção: colocações gerais”. In: _____. Luiz Costa Lima. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

_____. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LE GOFF, J. “Documento/Monumento”. In: _____. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora UMICAMP, 2003, p. 525-541.

LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARQUES, Reinaldo. “Memória literária arquivada”. **Aletria**, v. 18, 2008, p.105-120.

MARQUES, R. “O Arquivamento do escritor”. In: SOUZA, E. M. de.; MIRANDA, W. M. (org.). **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 141-156.

MIRANDA, W. M. “Archivos e Memória Cultural”. In: SOUZA, E. M. de.; MIRANDA, W. M. (org.). **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 35-42.

MOREIRA, M. E. e CAIRO, L. R. V. (Org.). **Questões de crítica e de historiografia literária**. Porto Alegre: Nova Prova, 2006.

MORAES NETO, G. **O dossiê Drummond**. São Paulo: Editora Globo, 1994.

OLINTO, Heidrun Krieger. “Letras na página/Palavras no mundo”. **Revista Palavra**, n.1, 1993, p. 7-40.

OLINTO, Heidrun Krieger. “Leitura e Leitores: variações sobre temas diferentes”. In: OLINTO, H. K.; VAZ, P.B.; DAUSTER, T. **Leitura e leitores**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Casa da Leitura, 1994, p. 15-54.

OLINTO, Heidrun Krieger. “Marcas de (auto)biografia historiográfica”. In: M. E. M.; CAIRO, L. R. V. (Org.). **Questões de crítica e historiografia literária**. Porto Alegre: Nova Prova, 2006, p. 135-145.

OLINTO, Heidrun Krieger. “Pequenos ego-escritos intelectuais”. In: **Revista Palavra**, v. 10, 2003, p. 24-44.

SANTIAGO, S. “Conversei ontem à tardinha com o nosso querido Carlos”. In: **Histórias mal contadas**. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 173-170.

_____. **Ora(direis) puxar conversa**: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOUZA, E. M. de. Autoficções de Mário. In: _____. **A pedra mágica do discurso**. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999, p. 191-215.

_____. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, E. M. de & MIRANDA, W. M. (org.). **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Crítica e Coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VASCONCELLOS, E. O arquivo Carlos Drummond de Andrade. In: **Fundação Casa de Rui Barbosa**. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Inventário do Arquivo Carlos Drummond de Andrade. 2. ed. e aum. – Rio de Janeiro, 2002. (Série AMLB; 6), p. 7-15.

WERNECK, H. “O ninho da poesia”. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Farewell**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 7-12.

WILLEMART, P. “Como entender os processos de escritura a partir do manuscrito dos escritores?” In: SOUZA, E. M. de & MIRANDA, W. M. (org.). **Crítica e Coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 418-428.

ZILBERMAN, R. et. al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

Anexos

Carlos Drummond de Andrade

Confissões no rádio - IX

O SONETO QUE EXPLICAVA A PEDRA

— **V**AMOS ver o soneto de João Alphonsus. Mas você mesmo é que o lerá. Lya Cavalcanti (lendo): — "No meio do caminho sem sentido/ em que a minha retina se cansava,/ em face ao meu espírito perdido/ naquela lassidão estranha e escrava,/ no meio do caminho sem sentido,/ só uma pedra... Nada restava!/ Que tudo se perdeu no amortecido,/ morto marasmo de vulcão sem lava.../ Que tudo se perdeu na estrada infinda... Só a pedra ficou sob o meu passo/ e na retina se conserva ainda!/ Nem coração, furor, ódio, carinho/ nada restou senão este cansaço,/ a pedra, a pedra, a pedra no caminho!"

— Pois é. Quando este soneto saiu no jornal, pensei, candidamente, que estava resolvido o problema de incompreensão pública relativa aos meus versinhos da pedra. Que nada. Os leitores procuraram João Alphonsus para felicitá-lo: "Seu soneto está ótimo. Entende-se perfeitamente. Mas o 'tinha uma pedra no meio do caminho', isso, faça-me o favor, só dando com a pedra no besturto do autor". De sorte que João Alphonsus, em vez de me ajudar, me atrapalhou ainda mais. Pouca gente estava a par da poesia avançada que se fazia na Europa, daí um motivo a mais para condenar um suposto produto poético muito menos escandaloso do que, por exemplo, o poema de Aragon, divulgado exatamente na mesma época, 1925. Esse poema consistia em repetir 19 vezes em sete linhas a palavra persienne, sem pontuação. Só no final aparecia um ponto de interrogação. E Aragon, que me conste, não era doido. Mas eu era.

— Todos nós somos um pouco. Ou somos mais do que parecemos.

— Talvez. Mas o que mais me tocou nessa longa história de um poema que não chega a ser poema, foi o que ouvi de uma amiga, e amiga que se tornou tal precisamente por causa dele. Posso dar o nome dessa pessoa, que já não vive; Lúcia Branco. Pianista notável, depois formadora de pianistas como Artur Moreira Lima, Lúcia era culta e sensível. Detestava cordialmente minha pedra no caminho. Para distrair um garoto, seu sobrinho, que estava doente, ela repetia a cantilena do "tinha uma pedra", e esperava tirar disto um efeito cômico, que fizesse o menino rir. Ele não riu e observou: "A senhora acha isso engraçado? Eu acho sério, me faz sentir uma coi-

sa..." Não explicou que coisa era, mas Lúcia deixou de se divertir com a pedra e passou a me distinguir com sua simpatia, porque eu havia despertado aquela reação no garoto.

— Valeu a pena.

— Valeu. Ganhei uma amiga de qualidade excepcional. Mas valeu também por outro motivo. Meu calhau continuou despertando ecos contraditórios na maioria hostis. De todas as zombarias, de todo o barulho produzido por ele tirei a lição evidente. O renome literário pode fundar-se nas circunstâncias mais caprichosas e menos relevantes. Passei boa parte da vida apontado como autor de um único poema de 10 linhas (ou versos?) tido por pura maluquice, principalmente por pessoas de juízo que nunca o leram, pois ele corria de boca em boca deturpado, com palavras a mais ou a menos. Uma coisinha escrita aos 21 anos era o corpo de delito que decidiu o julgamento. Se na juventude eu houvesse cometido um assassinato e fugido para a Guiana, meu crime estaria prescrito no fim de tanto tempo, mas para o delito poético não havia prescrição. O lado negativo seria triste se não houvesse o lado compensatório das pessoas que, para surpresa minha, mesmo não achando nenhuma obra de arte na pedra, começaram a gostar de mim porque viam no poeminha alguma coisa que bulia com elas, como a representação paisagística — pobre paisagem — de um sentimento de frustração, obstrução, inviabilidade, experimentado por elas. Ganhei um prêmio que não fizera por alcançar e, mesmo, que não merecia. O caso de Lúcia Branco.

— Modéstia, charminho...

— Não. O que há de mais importante na literatura, sabe? é a aproximação, a comunhão que ela estabelece entre seres humanos, mesmo à distância, mesmo entre mortos e vivos. O tempo não conta para isso. Somos contemporâneos de Shakespeare e de Virgílio. Somos amigos pessoais deles. Se alguém perto de mim falar mal de Verlaine eu o defendo imediatamente; todas as misérias de sua vida são resgatadas pela música de seus versos. Como defenderia um amigo pessoal. Um dia a pintora Maria Teresa Vieira me disse uma coisa linda: que tem inúmeros amantes noturnos, de Van Gogh a Fernando Pessoa. O maior prêmio de Estocolmo ou dos Estados Unidos não vale o telegrama de amor que alguém desconhecido e que não conheceremos nunca, nos manda lá do Pará porque leu uma coisa nossa e ficou comovido e rendido. O telegrama não é para nós, para a nossa vaidade. É uma voz do coração e do espírito, soita no ar, que nos atinge e repercute em nós. Dito assim, fica meio grandiloquente, mas não sei dizer melhor, você entenderá. Quem já sentiu isso compreende sem explicação. Função a. É. E constitui uma das grandes alegrias da vida. Palavra, música, arte de todas as formas: essas coisas têm sua magia. Ai de quem não a sente.

— Graças a Deus, eu também sinto.

— Então, até a próxima.

Continua

Carlos Drummond de Andrade

Confissões no rádio / VIII

A PEDRA MINEIRA DO MODERNISMO

— **P** OIS é, Lyá. O bom do nosso grupo era que, amando a literatura, não formávamos propriamente um grupo literário. Se uma parte dele, com o tempo, foi classificada de grupo literário, não fizemos força para isto. Não lançamos manifesto. Não elaboramos estratégia literária. Os rapazes se aproximaram naturalmente, movidos por simpatia pessoal ou por interesses intelectuais convergentes. Havia ainda naquele fim de era um tipo de boemia estudantil discreta, que até no cabaré da Olimpia mantinha certo grau de delicadeza de espírito, e nossa turma viajava nessas águas. Escrever era bom, sobretudo para mostrar aos companheiros de café, quando cada um de nós sacava do bolso os seus produtos literários do dia e expunha-os à crítica informal dos outros. Mas isso não era ritual. A gente podia passar uma semana ou duas sem produção nova. Me lembro que não havia aprovações incondicionais. Tinha-se liberdade de achar ruim um soneto.

— E você fez algum?

— Fiz um só. Era tão lamentável que breves observações do Milton e do Abgar me dissuadiram de prosseguir nessa trilha clássica, e me terão confirmado na aventura modernista. Adotei o verso livre. Modernismo, sinônimo de incompetência e ignorância, como se dizia e ainda se repete de longe? A criação de Mário e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Menotti, Jorge de Lima e outros, desmente a simplificação, que de casos isolados tira uma condenação geral. Bem, não adianta insistir nisto, agora que o modernismo, de tão integrado na evolução literária, foi reconhecido oficialmente, adotado nas escolas, sacralizado ... Não gosto muito disto não. Era melhor quando nos apontávamos como os párias, os marginais da literatura. Tínhamos bom humor suficiente para nos divertir com os tingimentos, as pedradas. Hoje, quem fala mal de nós? Os garotos de colégio nos estudam, nos entrevistam de gravador em punho... É a glória! e a glória, você sabe muito bem, cheira a mofo e até a defunto. Era tão gostoso brincar de modernismo ... Nos compêndios, nos tornamos defuntos importantes. O melhor é não ter importância e estar vivo.

— Você fala em pedradas, Carlos, não lhe parece que sua pedra no caminho acabou se fazendo, pulando e caindo na sua cabeça?

— Não fez outra coisa. Como podia eu imaginar que um texto insignificante, um jogo monótono, deliberadamente monótono, de palavras, causasse tanta irritação, não só nos meios literários como ainda na esfera da administração, envolvendo seu autor numa atmosfera de escárnio? Professores de português, ainda sem curso de letras, geralmente bacharéis de formação literária convencional, espalhavam pelo Brasil inteiro, nos ginásios, que o modernismo era uma piada ou uma loucura, e como prova liam o poeminha da pedra. Sucesso absoluto de galhofa. Imagem gravada na mente de milhares de garotos, que daí por diante, assimilariam o conceito de modernismo-pedra-burice-loucura. Em 1934, vim para o Rio servir no gabinete de Capanema, Ministro da Educação. O autor da pedra em posição-chave no Ministério que cuida do ensino! O solecismo "tinha uma pedra", em lugar de "havia uma pedra", erigido em norma oficial de linguagem... Capanema sempre foi o mais indulgente dos homens. Não se podia atacar o Estado Novo, porque a censura do Dip vigiava e rosnava. Mas atacar o Capanema, podia; ele dava liberdade, e além do mais não tinha cobertura política em Minas, onde Benedito Valadares lhe fazia pirraças enciumadas. Então, pau no Capanema. Entre outras coisas, a pedra servia para mostrar que só podia ser maluco um Ministro que tinha secretário maluco... Mais de uma vez me disseram: "Engraçado, eu pensava que o senhor fosse débil mental, mas agora, vendo que providencia o andamento dos processos e faz as coisas normalmente, vejo que me enganei. Desculpe: foi por causa da pedra no caminho..."

— Pobre poeta! Como sofreu.

— **D** OEU um pouco, admito. Nas raras reuniões sociais a que comparecia, sempre encontrava um gaiato ou uma gaiata que me perguntava pela pedra: se tinha esbarrado nela e machucado o dedão, se a afastara do caminho, coisas assim. A princípio, eu respondia seco e encalistrado. Depois, preparei respostas de contra-ataque. Afinal me acostumei. E se não fiz de minha dor um poema, como pretendia Goethe, fiz de minha chateação um livro. Colecionei e publiquei tudo que se escreveu sobre a pedra no caminho, pró e contra, claro que na maioria contra. Pois a essa altura a pedra havia assumido aspectos existenciais e filosóficos que nunca me passaram pela cabeça. A pedra é um símbolo! É uma besteira! Genial! Idiota! Etc. Afinal: ficou divertidíssimo. Foi o único caso de agressão que, por sua continuidade e generalização, me machucou. Os outros eram motivo de alegria moleque da minha parte, ou da parte dos companheiros. Mandei transcrever num jornal de Minas a crítica negativa que me fez Medeiros e Albuquerque. Ele disse que meu livro de estreia, *Alguma Poesia*, devia chamar-se, quando muito, *Alguma Tipografia*, pois era materialmente bem feito (artes de Eduardo Frieiro, que não amava os modernistas mas tinha prazer em projetar obras gráficas esmeradas). Voltando à pedra. João Alphonsus pegou do poema teratológico e fez dele um soneto perfeitamente digerível.

— Vamos ver o soneto.

Continua

Carlos Drummond de Andrade

8.4.42

ENGRAÇADO SEM QUERER

Antônio de Alcantara Machado gostava de publicar na Revista de Antropofagia uma "brasiliiana" constituída de trechos literários, notícias e anúncios banhados de humorismo inconsciente. Textos que pretendiam ser sérios e até brilhantes, mas que faziam rir ou sorrir, criando a imagem de um mundo absurdo, de feição surrealista. Colaborei de vez em quando nessa coletânea divertida, menos brasileira do que universal, e ainda hoje me apraz catar nos cadernos de classificados, como em livros e um pouco por toda parte, essa matéria que trai o duplo sentido das coisas.

Seria apressado identificar no fundo de tais manifestações apenas a tolice de seus autores. Podem conter lapsos que à psicologia interesse estudar; ou um elemento de poesia, para surpresa nossa e de quem disse ou escreveu a coisa aparentemente boba ou maluca. E provam ainda as artimanhas da linguagem, instrumento de que nos servimos sem jamais conhecer bastante seus alcáçõs e que por isso mesmo nos prega tantas peças — não falando nas outras peças de que somos vítimas pela malícia do diabo tipográfico, invisível e imprevisível. O que se costuma chamar de *sottisier* é, não raro, mina de iluminações e mágicas.

Nessa mina se colhe o humor involuntário, "humor em liberdade", como lhe chamam Albert Aycard e Jacqueline Franck, jornalistas franceses que não se limitaram a copiar documentos impressos no gênero. Ampliando o campo de pesquisa, saíram pelas ruas de Paris a fotografar tabuletas, cartazes, vitrinas, combinações imprevisíveis de objetos. Tudo isso deu um livro, *La Réalité Dépasse la Fiction*, em que se comprova, pela enésima vez, o sabido: o escritor de ficção não tem direito de inventar certas coisas, mas a vida tem; a vida trabalha com o nonsense, o alopriaço.

Não sou egoísta, por isso levarei o leitor a um passeio breve nessa obra, escrita menos pelos colegas Albert e Jacqueline do que por anônimos e pela vida. Muitos achados estão reproduzidos em clichê, para que não se diga que são de mentirinha.

Médicos em relatório: "A comissão julga indispensáveis esses estudos anatómicos com objetivo cirúrgico, a serem feitos em pessoas jovens e sadias. É de crer que os acidentes na via pública preencham as melhores condições para isso."

Leilão de prendas: "Convidamos as senhoras donas-de-casa para a festa de beneficência de domingo próximo. Ponham à nossa disposição todos os objetos que se tornaram inúteis no lar, mas que ainda podem fazer a felicidade de alguém. Tragam também seus maridos."

Tecnologia: "A indústria de transformação de frutas deve tender a transformá-las no menos possível." (Ver A Invenção da Laranja, de Fernando Sabino).

Informa o Carnet de Maternidade da Caixa de Seguro Social: "Crianças amamentadas no peito morrem seis vezes menos que as outras."

Sociais: "O Sr. Daguala, funcionário da Alfândega em Tambacunda, ofereceu um grande baile em honra de sua senhora, que voltou ao domicílio conjugal."

"Antes de morrer, a mulher sem cabeça foi ao cabeleireiro."

"Para ajudar as famílias dos combatentes na Indochina, resolvemos conceder 50% de descontos nos jogos completos de mesa."

"Leiam *Galaxie*, a revista da verdadeira ficção."

"Pêlos supérfluos. O Bálsamo Pelex garante a eliminação de 50 mil, no mínimo."

"Depilação radical por especialista com 16 anos de prática. Condições especiais para grandes superfícies."

"O Conselho Municipal discutiu longamente os problemas do parto sem dor e do despejo de inquilinos que não têm onde morar."

"André Quatton, massagista diplomado, atende das 8h às 18h, e também por correspondência."

"Dos 18 filhos do casal, 11 ainda estão vivos e dois estão casados."

"Foi recebido com dois tiros de fuzil, que por felicidade o atingiram no braço."

"Exija o *soutien Léon* vitaminizado."

"Havendo resistido à prisão, o cabo matou-o com o tiro de pistola regulamentar."

"Por decreto de 27 de maio de 1953, a mixomatose foi classificada entre as moléstias legalmente contagiosas."

"Projeto de lei aprovado pela Comissão de Justiça do Senado norte-americano manda prender e submeter a julgamento os espíões e sabotadores que não se registrarem na Procuradoria-Geral da República."

Placa de consultório: "Dr. Victor Louis, ex-interno da Penitenciária de Fresnes. Obstetra."

"A Cooperativa Agrícola convida para a assembleia-geral dos dias 15 e 27 de novembro, em primeira e segunda convocação. Como nunca se obtém quorum nessas convocações, os sócios não precisam se dar ao trabalho de comparecer, devendo fazê-lo na terceira reunião, em 7 de dezembro, às 10 horas."

Quantos livros se poderiam escrever com o humorismo involuntário, fartamente distribuído pela Terra. Mas, por favor, não o procurem no que escrevo!

Carlos Drummond de Andrade

Fernando Pessoa

Joaquim-Francisco Martires Coelho, paraense que medita, estuda e sabe coisas, master of arts pela Universidade de Wisconsin, mandou-se para Lisboa, como bolsista da Fundação Gulbenkian, com o propósito de estudar o modernismo português. Alvo principal de seu interesse, naturalmente: Fernando Pessoa. Em poucos meses de trabalho, já conseguiu reificar alguns elementos biográficos constantes dos livros de João Gaspar Simões e Eduardo Freitas da Costa sobre o poeta. Assim, Pessoa "não morreu românticamente à mingua, esquecido dos homens e do mundo." Internado num dos hospitais mais caros de Lisboa (45 escudos a diária), ali passou cerca de 24 horas, e não três dias; ali morreu, e não na casa onde morava, como informou erroneamente ao Registro Civil um amigo da família. Seus funerais, na importância de 1194 escudos e 10 centavos, foram pagos pelo cunhado. Joaquim-Francisco, cioso de documentar-se nas fontes, foi ao Hospital de São Luís dos Franceses e fotocopiou os assentamentos burocráticos de "entrada e saída"; escarificou o cartão de Registro Civil,

6.2.71

DE VÁRIO
ASSUNTO

o arquivo da empresa funerária que providenciou o enterro, e o livro de sepultamento do Cemitério dos Prazeres. Só não encontrou, porque provavelmente nunca existiu, a ficha médica do doente: Pessoa morreu em noite de sexta-feira e morreu em noite de sábado seguinte, sem dar tempo a maiores escriturações.

Não há insignificância nos dados que ora se divulgam. Tudo interessa na vida de um poeta como esse, e as biografias querem-se completas e exatas. Mas Joaquim-Francisco não é só pesquisador rigoroso, de hábitos universitários. É também criador, como poeta e analista perspicaz da poesia. De suas andanças portuguesas sairá um grande livro, sem dúvida.

Vamos trocar?

A Última Cella, do mestre Manuel da Costa Ataíde, jóia do salão nobre do Colégio do Caraça, emprestada ao Governo de Minas Gerais para a mostra inaugural do Palácio das Artes, em Belo, ainda não foi devolvida aos padres lazaristas seus proprietários. E já se passou um ano do empréstimo. No

Caraça, poucos a viam; na capital mineira, é atração geral. Deve ficar onde está, como obra de arte oferecida ao público, ou ser restituída à sua solitária habitação no alto da serra? Divergem as opiniões. É feio não devolver o seu a seu dono, que o reclama. Fala-se, entretanto, que o dono abriria mão da tela se o DER terminasse a construção da nova estrada de acesso ao Caraça, que não esta devagar-quase-parando, parou mesmo.

Eu, se possuísse um Ataíde, e logo a Cella, não a trocaria nem pelo próprio Governo de Minas, com todos os seus palácios, bancos e milícias. Mas os padres lazaristas devem andar precisando de um bom caminho de asfalto, que não se dá de graça a qualquer um. O diabo (pois o diabo interfere sempre nos negócios) é o precedente a ser aberto. Amanhã, Congonhas do Campo trocará os seus profetas do Aleijadinho por um Hilton Hotel ou um aeroporto supersônico.

Brandão opina

Madu, a môça artista de vanguarda, sentenciou: "Minas é uma

palavra montanhosa." Será? João Brandão, a quem comuniquei a sentença, tem opinião inversa, e mande-me esta declaração em versos livres (deu, ultimamente, para comê-los):

Minas não é uma palavra montanhosa.
É uma palavra abissal. Minas é dentro e fundo.

As montanhas escondem o que é [Minas].
No alto mais celeste, subterrânea, é galeria vertical varando o ferro para chegar? ninguém sabe onde.

Ninguém sabe Minas. A pedra o buriti
o bambuzal
a carranca
o neveiro
o raio
selam a verdade primeira, segregam as áreas geológicas de sonho.

Só mineiros sabem. E não dizem nem a si mesmos o irrevelável segredo
chamado Minas.

Conheço um autor que é acusado de escrever ora prosa poética, ora verso prosaico. Talvez para fugir à dupla crítica, ele saiu com um livro chamado Versiprosa. Pronto, de que trão acusá-lo? A palavra não está no Pequeno Dicionário mas está na cara: cabe o verso, cabe a prosa e — acrescento por minha conta — cabe tudo que seu inventor queira botar lá dentro.

Bem que ele botou coisas diferentes, nacionais, internacionais e pessoais. Pegou de um momento político (ou politiquinho), um cosmonauta, uma seleção de futebol vencida, torço feminino na praia, estória do Nordeste em que homem vira mulher e continua cavucando na estrada, eclipse da Lua em Copacabana e isso e aquilo e não sei que mais. virou, mexeu, pôs rima, tirou rima, pôs um tico de terruço, tiquinho de ácido (não pingou fei nem intenção segunda), gosto de vider, sentir, admirar, resumindo: coquetel do cotidiano com

Imagem de livros

V(ersi) P(rosa) P(edra)

C. D. A.

pinta de fantasia aeroceríoca, tipo do papinho manso diante do mundo como se ele fosse um quadro de que a gente mesma fizesse parte, sabe como é? Não faz mal. Eu também não. Gian Calvi, vestindo-a de ouro, branco, preto e azul, tornou bonita a coisa impressa sob o selo de José Olympio. Aqui entre nós, que ninguém nos ouve: sou eu o autor.

Então o Walter Acosta, da Editora do Autor, mandou colocar a Esfinge, a própria, de El Gisé, na capa de outro volume intitulado "Uma Pedra no Meio do Caminho". O livro é a biografia do poema da pedra, que há mais de quarenta anos chateia, irrita, faz vir, e também serve para definir certas situa-

ções na vida. Em suma, um poema útil: serve de pasto a velhos inimigos da poesia moderna, e de recurso imagético diante de uma dificuldade, um problema. Assim como a Esfinge era útil: lá estava de guarda do sono eterno do Faraó Chefrén. A pedra-poema é estranha, misteriosa? Na aparência. Também se atribui à Esfinge um segredo que ela não guarda. Corpo de leão com cabeça de gente explicam-se pela simbologia ritual do Egípcio. Por sua vez, a pedrinha brasileira explica-se por si mesma: uma pedra é uma pedra é uma pedra. Surpreende é que se tenha feito tanto barulho em torno de um seixo no caminho — apenas.

O livro é estira de ressonância dessas barulho. Tudo ou quase tudo que se escreveu e gritou contra a pedra lá está, arrumado, enfiado, servindo à história literária do modernismo. Também juízos mais serenos, até simpáticos. Críticas, paródias, sátiras, alusões, reações do autor, tudo formando um documentário, que, não sei não, me parece coisa nova em matéria bibliográfica. Não me conta que ninguém tenha tido a puchorra de, durante mais de 40 anos, registrar a fortuna crítica (ou que não me tenha) de um poema. Não há mérito em quem faz tal coleção, mas o acervo aí está, revelando nossos costumes literários, nossa maneira de considerar o fato poético (ou que se supõe tal). A pedra não está vingada: está biografada, e a biografia contém algum ensinamento. Aqui entre nós, que ninguém nos ouve: o autor do poema é este vosso criado.

BANCO BOAVISTA S. A.

Uma completa organização